

João Santos Lopes

Still Life

(Natureza Morta)



PRIMEIRO PRÉMIO DO CONCURSO
INATEL/TEATRO - NOVOS TEXTOS 2002

Ficha Técnica:

Edição: INATEL - Outubro 2003

Design Gráfico: G.D.G. - INATEL

Impressão: Palmigráfica - Artes Gráficas, Lda

Tiragem: 1000 exemplares

ISBN: 972-9208-50-6

Depósito Legal: 202722/03

João Santos Lopes

“Still Life”
[natureza-morta]

Teatro

Texto vencedor (1º Prémio) do certame
INATEL - Novos Textos de Teatro de 2002

SINOPSE

A acção desenrola-se numa galeria de arte, onde decorre uma exposição de pintura, com obras representativas de várias correntes da pintura moderna. Os 9 quadros vão servir de “moldura de enquadramento”, que introduzem as várias cenas. Podem aludir quer a situações, quer a estados de alma, ou ainda a aspirações ou recordações. Quatro personagens que constituem dois casais, revelam-se alternadamente, em oito monólogos. A nona e última cena, cruza primeiro as duas mulheres e depois os dois homens, que vão trocando opiniões de modo quase telegráfico, sobre a obra “Alegria de Viver” de Pablo Picasso. A solidão extrema, o sentimento de culpa ou a auto- desculpabilização face a reveses pessoais e familiares que devoram os personagens, emerge deste drama intimista, que preanuncia uma “ausência de vida” (resultante do facto de potencialmente todos poderem estar condenados, por se terem infectado mutuamente com o HIV), configurando assim uma “natureza morta”, tal como o título refere. A contemplação artística é um contraponto à contemplação das várias vidas dos personagens, que têm como pano de fundo a competitividade e consumismo da sociedade moderna, as psicoses sexuais, e a incapacidade de adaptação à realidade.

PERSONAGENS (por ordem de entrada em cena)

JOÃO (Homem, 45 anos de idade)

SOFIA (Mulher, 40 anos de idade)

PEDRO (Homem, 35 anos de idade)

ALICE (Mulher, 30 anos de idade)

VOZ DA RAPARIGA DA BILHETEIRA

Numa galeria de arte decorre uma exposição de obras de pintores famosos, representativos de várias correntes da pintura moderna. Numa sala central encontra-se exposto o quadro “*Alegria de Viver*” de Pablo Picasso. Existem mais oito espaços, quatro de cada lado da sala central. Em cada sala existe um banco corrido, e é visível apenas um quadro. Dois homens e duas mulheres estão dispersos pela área da exposição. JOÃO é casado com SOFIA e PEDRO com ALICE. No entanto todos desconhecem que os seus parceiros conjugais se encontram no mesmo local. Ao todo são 9 as obras expostas :

O SUICÍDIO

Georg GROSZ, 1916, óleo sobre tela, 100 x 77,5 cm

CAMPO DE TRIGO COM CORVOS

VAN GOGH, 1890, óleo sobre tela, 50,5 x 103 cm

NU COR DE ROSA

Henri MATISSE, 1935, óleo sobre tela, 66 x 92,7 cm

O GRITO

Edvard MUNCH, 1893, têmpera e pastel sobre tábuas, 91 x 73,5 cm

SUPER - HOMEM

Andy WARHOL, 1960, acrílico e lápis sobre tela, 170,2 x 132,1 cm

CRIANÇA DE PÉ (Fränzi)

Erich HECHTEL, 1911, xilogravura a cores, 37,5 x 24,8 cm

O CORPO DA MINHA MORENA

Joan MIRÓ, 1925, óleo sobre tela, 130 x 96 cm

BAILARINAS NA BARRA

Edgar DEGAS, 1888, óleo sobre tela, 51 x 38 cm

ALEGRIA DE VIVER

Pablo PICASSO, 1946, óleo sobre cartão, 120 x 250 cm

NOTA CENOGRÁFICA : Além da utilização de cópias das obras, as imagens dos quadros expostos devem também surgir ampliadas e projectadas num écran

QUADRO 1 "SUICÍDIO"

Georg GROSZ, 1916, óleo sobre tela, 100 x 77,5 cm

(EXPRESSIONISMO)

[JOÃO está sentado, de costas para o público, no banco corrido da sala onde se encontra exposto o quadro "Suicídio" de Georg Grosz. Observa a obra com muita atenção. Ao fim de algum tempo em silêncio, levanta-se, vira-se, olha fixamente na direcção dos espectadores, e começa a falar]

JOÃO

Há três dias seguidos que venho aqui. Só para o ver. Fico à espera que abram as portas, para ser o primeiro a entrar. Depois... deixo correr as horas. Até anunciarem que a galeria vai fechar. Sem nunca sentir tédio ou cansaço. Descubro nele sempre novos traços e formas. Sinais que antes não me pareciam estar lá. Porque eu olhava... mas... não os queria ver. E aos poucos tudo vai fazendo sentido na minha cabeça. *[Pausa]* No primeiro dia a rapariga da bilheteira atirou-me de chofre : *Você é crítico de arte. Acertei ?* "Crítico ?!", respondi eu, pondo um ar ofendido. "Tenho assim tanto aspecto de artista medíocre, que para aceitar a sua falta de talento tem de arrasar aqueles que inveja ?" Ela riu e respondeu: *Não ! Mas como o vejo tão triste ! Todos os críticos que já conheci tinham esse mesmo olhar...infeliz. A entrada são dois mil e quinhentos escudos. [Pausa]* Ela estava certa. Não que eu seja crítico de arte. Não. Graças a Deus ! Nunca me interessei por coisa, ideia ou actividade que não considere necessária, prática e funcional. Tudo deve ter uma natureza útil. É um determinado valor de uso e outro de troca. É

aquilo que penso. *[Pausa]* Qual é afinal a lógica do valor da “arte” ? O obsceno preço de uma “obra genial”, está em relação directa com o grau de entusiasmo com que qualquer velho aristocrata, ou novo-rico, satisfaz os desejos da sua jovem esposa em colorir uma austera parede de sala ? Ou está em função do número de rabiscos e gatafunhos incompreensíveis, ... que qualquer primata bem amestrado, não deixaria de melhorar ? “ projecção emocional” e “intenso mundo interior”, o tanas ! Sempre vi os “artistas” como uma chusma improdutiva e devassa. Cujo único objectivo na vida é fornicar com tudo o que mexe à sua volta, enquanto tecem grandes loas sobre a falta de justiça e de estética no mundo. *[Pausa]* Mas... ela estava certa quanto à minha tristeza. Quando cheguei não percebi logo onde estava. Para mim era indiferente se fosse uma galeria de arte, ou uma sucursal do Planet Hollywood ! Apenas me queria refugiar. Antes tinha caminhado à toa, pelas ruas, durante horas. Chovia. Mas eu não sentia a chuva que me molhava. Estava ainda atordoado. Não acreditava que tudo aquilo me estivesse a acontecer. E não era para menos ! Durante vinte anos ajudei aquela empresa a crescer no mercado financeiro. A ganhar a sua posição no ramo das fusões e aquisições ! Quando fui para lá era ainda um miúdo. Comecei por baixo e subi a pulso. E “apenas” à custa do meu trabalho, esforço e dedicação. *[Pausa]* Noites e noites sem dormir a pensar em soluções. As férias dos últimos dois anos ainda por gozar. Tudo por causa das estratégias e campanhas que nos deviam tornar... “imparáveis”. As promessas de promoção a Director Geral, sempre adiadas para “quando se verificar uma conjuntura mais...favorável! *[Formal]* Uma alteração tão im-

*portante fora do seu tempo certo, pode provocar desconfianças no mercado. Estamos a falar de um lugar-chave em qualquer empresa. Com certeza que entende a nossa posição, Silva. Hoje o mundo dos negócios é uma autêntica selva. Pior ainda! Sodoma e Gomorra juntas, mas cotadas na Bolsa! Uma decisão precipitada da nossa parte, e o inimigo salta-nos em cima sem dó nem piedade. E nunca mais nos levantamos. Mas pode estar seguro, Silva. Não nos vamos esquecer de si. Quando chegar o momento certo, o lugar será sempre seu. É tudo uma questão de competência e justiça! [Pausa] Até há quatro dias atrás eu era o Silva. O João Silva. O coleccionador de promessas. Quando ao fim dessa tarde os quadros da empresa foram convocados para uma reunião urgente, a notícia já pairava no ar há algum tempo. Então rebentou como uma bomba. O conselho de administração tinha aceite a fusão com uma grande multinacional. E como primeiras medidas a aplicar, despedimentos e a nomeação do novo Director-Geral. O Rodrigo Azevedo! O único filho do maior accionista da empresa. Um cretino com manias de *playboy*. Que guia um Lamborghini, só veste Armani e come em restaurantes badalados com cardápio "au citronnette" ou "a la putannella". E que adora exhibir os seus cartões pessoais com o nome gravado a ouro. Estava na empresa só há três meses ! O "papá" usou da sua influência depois de ele voltar do estrangeiro. Onde esteve anos mas não chegou a acabar nenhum curso. Só que andou em Harvard ! A arrogância com que o idiota falava das suas proezas. ["Snob"] Oh! É tudo tão superior nos Estados Unidos! O nível do ensino, da investigação e da cultura, é avassalador. Dos negócios e alta finança então... nem vale a pena falar. Ao pé*